

REFLETINDO SOBRE A FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO: A PRÁTICA DOCENTE A PARTIR DO IMAGINÁRIO PEDAGÓGICO

A reflection about the formation of the Nurse:
The teaching practice from the pedagogical imaginary

Refletiendo sobre la formación del enfermero:
La práctica docente a partir del imaginario pedagógico

Sadja Cristina Tassinari de Souza Mostardeiro

Resumo

Neste trabalho busco fazer uma reflexão sobre a formação profissional do enfermeiro a partir da prática docente, tendo como fundamentação o imaginário pedagógico, nas concepções de Ferreira et al¹, Furlani⁴ e Postic³. A imaginação é um processo de reconstrução, de transformação da realidade; o termo *imaginário* tem significados diferentes para cada indivíduo. Quando imaginamos transformamos, reconstruímos a realidade com elementos simbólicos de acordo com as nossas necessidades interiores. O aluno de enfermagem traz consigo o imaginário do curso e da profissão e, ao vivenciar diferentes situações e sentimentos, atribui a estes maior ou menor significado na sua formação. Percebo a necessidade de o professor ir além do discurso e das propostas educativas que se fundamentam apenas pela razão a fim de efetivar a mudança, modificando o imaginário instituído, oportunizando ao educando e ao próprio educador reimaginarem o processo de ensino-aprendizagem de forma mais contextualizada, humana e real.

Palavras-chave: Enfermagem. Formação. Imaginário.

Abstract

In this work I seek to do a reflection about the professional formation of the nurse from the teaching practice, having as basis the pedagogical imaginary, in the conceptions of Ferreira¹, Furlani⁴ e Postic³. The imagination is a process of reconstruction, transformation of the reality; the term *imaginary* has different meanings for each individual. When we imagine, we transform, reconstruct the reality with symbolic elements according to our inner necessities. The student of nursing brings along the imaginary of the course and of the profession and, when the student experiences different situations and feelings, reserving for them a greater or smaller meaning in its formation. I noticed the necessity of the professor to go beyond the speech and the educational proposals that are based only by the reason with the purpose of making the change, modifying the instituted imaginary, making possible to the pupil and the tutor itself to imagine again the teaching/learning process in a more contextualized way, human and real.

Keywords: Nursing. Formation. Imaginary.

Resumen

En este trabajo realizó una reflexión sobre la formación profesional del enfermero a partir de la práctica docente, teniendo como base el imaginario pedagógico, en las concepciones de Ferreira¹, Furlani⁴ e Postic³. La imaginación es un proceso de reconstrucción, de transformación de la realidad; el término *imaginario* tiene significados diferentes para cada individuo. Cuando imaginamos transformamos, reconstruímos la realidad con elementos simbólicos de acuerdo con nuestras necesidades interiores. El alumno de enfermería trae consigo el imaginario del curso y de la profesión y, al vivenciar diferentes situaciones y sentimientos, atribuye a estos más o menos significado en su formación. Percibo la necesidad del profesor en ir más allá del discurso y de las propuestas educativas que se basan solamente en razón a fin de efectivar el cambio, en el imaginario instituído, oportunizando al educando y al propio educador reimaginaren el proceso de enseñanza-aprendizaje de forma más contextualizada, humana y real.

Palabras clave: Enfermería. Formación. Imaginario.

FORMAÇÃO ACADÊMICA: REAL OU IMAGINÁRIA?

Estas reflexões surgem de minha experiência pessoal, acadêmica e profissional as quais vêm se delineando ao longo de minha trajetória vivencial, ao perceber com desencanto o quanto algumas pessoas extremamente racionais valorizam os números, os valores, as máquinas, os produtos, o poder, oriundos de um sistema capitalista opressor.

Assim como me entristece perceber um modelo biomédico centrado na patologia e não no ser humano, como forma de assistir as pessoas enfermas, desconsiderando seus direitos de cidadãs.

Primeiramente como aluna, imaginava na enfermagem a possibilidade de diminuir o sofrimento das pessoas, já que havia vivenciado as mais diferentes situações com indivíduos hospitalizados. Vivências marcantes, permeadas de muitos sentimentos, tais como alegria, tristeza, gratificação. Entretanto percebia que embora sempre presentes em nossas relações, os sentimentos eram freqüentemente esquecidos ou negligenciados por alguns profissionais do campo. Questionava-me como teria sido a formação desses enfermeiros? Será que não sabiam que os pacientes tinham sentimentos? Como podiam ser tão racionais?

Posteriormente, como docente, o sentimento de inconformismo à atual práxis da enfermagem fez com que repensasse a maneira de formar os profissionais da enfermagem percebendo o aluno como um ser individual, com capacidade de imaginar, criar e recriar sua realidade conforme suas necessidades.

Acredito que a busca de uma prática pedagógica que leve em conta essas potencialidades dos alunos contribua para a formação de profissionais melhor qualificados e mais humanos. Oportunizando o resgate de suas necessidades, valorizando seu contexto, individualidades, minimizando as falhas e desigualdades das políticas de saúde e educação de nosso país, bem como contribuindo para a melhoria da qualidade da assistência de enfermagem e o aprimoramento do ensino universitário.

Percebo que fazemos parte de uma sociedade que estimula e valoriza de forma exagerada o individual e desconsidera o coletivo; os seres humanos estão cada vez mais distantes e isolados numa busca desenfreada pela ascensão pessoal. As pessoas não percebem que existem outros valores a serem considerados e vivenciados, deixando-os muitas vezes presos na sua imaginação.

A imaginação é um processo de reconstrução, de transformação da realidade; o termo *imaginário* tem

significados diferentes para cada um de nós. Quando imaginamos transformamos, reconstruímos a realidade de acordo com as nossas necessidades interiores. Ao imaginar podemos criar de acordo com nossas concepções e necessidades elementos simbólicos que estão presentes em nosso interior.

O imaginário é visto como um novo olhar sobre os sentidos que a educação e a escola vêm assumindo em nossa sociedade (Ferreira et al¹), um olhar diferente para a educação, no qual através do imaginário os sujeitos aproximam-se da dimensão simbólica, dos sentidos construídos, dos desejos, das fantasias, afirmando o ser humano como um ser histórico e contextualizado; capaz de instituir mudanças.

Qual será o imaginário do curso, da profissão, que o aluno de enfermagem traz consigo? Segundo Spindola et al^{2,34}, [...] *a busca pela área da enfermagem nem sempre está associada ao conhecimento sobre a profissão e as atribuições do profissional, uma vez que os alunos detêm pouca (ou nenhuma) informação sobre o que é ser um enfermeiro.*

A formação de conceitos e concepções é um processo que acontece no decorrer de seu crescimento. Faz parte de uma realidade concreta, determinada, que não é estática e definitiva. É uma realidade que se faz no cotidiano. O refletir permanente sobre suas concepções e vivências pode fazê-lo avançar nessa caminhada.

O aluno vivencia em sala de aula um certo número de acontecimentos que o tocam com maior ou menor profundidade. Uma demonstração de interesse que o professor lhe dirija ou uma forma imperceptível de rejeição podem ter repercussões que levam a se aproximar ou a se afastar do professor no plano imaginário, ou seja, o aluno a partir de sua imaginação pode criar ou não vínculos afetivos que interferirão de forma negativa ou positiva no processo de ensino-aprendizagem. Estabelece-se uma conexão entre estruturas vividas em planos diferentes: o real e o interior, com os quais os acontecimentos vividos tomam significado. O aluno então a partir da sua concepção de real e imaginário pode reforçar ou mudar sua forma de perceber o professor e sua forma de ensinar. Concordo com Spindola et al^{2,33}, quando afirmam que *a visão que os alunos têm do enfermeiro e suas atribuições estão diretamente relacionadas ao tipo de informação a que tem acesso ao optarem pela profissão.*

Acredito que as atitudes dos professores com seus alunos em sala de aula podem também estreitar ou dificultar o relacionamento entre ambos, o que interfere diretamente no processo ensino-aprendizagem.

Os professores, no imaginário dos alunos, são representações simbólicas que podem representar forças maléficas ou benéficas, dependendo das relações intersubjetivas, reais ou imaginárias que foram vividas (Postic³).

IMAGINÁRIO PEDAGÓGICO X RACIONALIDADE: A INTERSECÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

O termo imaginário ao longo da história do pensamento humano foi concebido em diferentes sentidos; como uma fuga da realidade ou uma forma de satisfação de desejos que não podiam ser concretizados na realidade. Em determinados momentos, este era colocado em segundo plano, quando a razão era tida como única e verdadeira. O paradigma da racionalidade foi muito presente na história do conhecimento, nas questões filosóficas, e colaborou para que os estudos sobre a imaginação fossem suspensos.

Ferreira et al^{1:5}, afirmam que *perde-se com esse reducionismo a riqueza da complexidade da inteligência humana, que é constituir-se por uma gama de modalidades de conhecimentos: sensível, intelectual, imaginário, judicativa, intuitivo.*

Esquece-se assim, que a realidade é multifacetada, que os dados do conhecimento são construídos, resultando de recortes da realidade. Pode-se assim dizer que o conhecimento resulta das perguntas que são feitas ao real.

Entretanto, posteriormente, em outros períodos os estudos da imaginação foram motivados, o que podemos perceber de forma mais evidenciada em nossa atualidade.

Ferreira et al^{1:5}, dizem que:

[...] após tantos anos de cientificismo, parece ter chegado o momento da desconfiança, das incertezas, das dúvidas diante das verdades instituídas [...] Descobre-se que o real e o ideal, o concreto e o abstrato, a matéria e as relações são conceitos instituídos socialmente e que neles está presente o modo de seus sentidos.

As referidas autoras ainda afirmam que no imaginário:

[...] aparecem as crenças e fantasias, desejos e necessidades, sonhos e interesses, raciocínios e intuições: uma gama de elementos fundantes do processo de

simbolização [...] Ele institui histórica e culturalmente o conjunto das interpretações, das experiências individuais, vividas e construídas coletivamente.

Através da imaginação podemos reconstruir o real a partir dos significados que damos aos fatos ou das repercussões que estes nos causam.

Postic^{3:13} afirma que:

[...] imaginar é evocar seres, colocá-los em determinadas situações, fazê-los viver como se quer. É criar um mundo a seu bel-prazer, libertando-se. Tudo é possível, tudo acontece [...] Na vida cotidiana, imaginar é uma atividade paralela à ação que exercemos ligada à realidade. A imaginação é um processo. O imaginário é seu produto.

O imaginário se alimenta da realidade. Para o aluno esta é constituída de episódios vividos com colegas e professores. Dessa forma, é possível estabelecer uma concepção entre as estruturas homólogas vividas em planos diferentes; real e interior, aos quais os acontecimentos vividos tomam significados (Postic³).

Em parte desse contexto o aluno de enfermagem vivencia diferentes situações e sentimentos ao prestar assistência ao paciente. Estes, têm uma representação maior ou menor para cada um. Concordo com Postic^{3:46} quando lembra que *é necessário voltar aos aspectos simbólicos da organização que ele lhe atribui, perceber os significados que ele dá, no registro do imaginário.*

O imaginário dos alunos de enfermagem sobre assistência humanizada precisa ser conhecido por seus professores a fim de que estes reflitam sobre sua própria atuação docente e busquem a aproximação entre o seu discurso e sua atitude frente à prestação de cuidados junto aos pacientes assistidos.

É fundamental que ambos tenham suas concepções definidas, pois acredito, assim como Postic^{3:27}, que *de certo modo o imaginário é tão estruturado quanto o universo cognitivo [...] os pontos de referência são diferentes, mas o processo é idêntico [...] a diferença fundamental está na possibilidade de partilhar, com o outro, o universo imaginário*

Ao partilhar suas concepções, professores e alunos poderão deparar-se com idéias divergentes ou diferenciadas, por serem seres humanos únicos, não necessariamente as significações imaginárias serão as mesmas manifestadas. Postic^{3:9} aborda esse aspecto

quando enfatiza que *a relação pedagógica é vivida ininterruptamente nos dois planos, o manifesto e o imaginário, que não coincidem necessariamente.*

Acredito que o professor de enfermagem pode oportunizar espaços para seus alunos manifestarem sua imaginação sem, contudo, esquecer-se do processo ensino-aprendizagem, pois, segundo Postic^{3:11}:

[...] o professor, no imaginário do aluno é quem inter-vém como mediador no meio escolar e, sobretudo, quem mais possui o poder – de ordem mágica – de estabelecer vínculos entre ele e o mundo [...] é quem comunica significados ao que é aprendido, sentido, vivido.

Entendo que a atuação do professor exerce reflexo sobre a aprendizagem do seu aluno, assim como na forma deste perceber o processo de ensinar, assistir e de viver. É uma referência que o discente estabelece para realizar as conexões entre o que entende como real e o que considera como imaginário. Neste sentido, Postic^{3:11} diz que:

[...] o professor, por seu desejo de comunicar o saber, ou por sua resistência a fazer isso, pelo prazer ou pela insatisfação que demonstra por seus comportamentos de aceitação ou de restrição do aluno, ligados às forças inconscientes que o estimulam, age sobre a representação de si no aluno, sobretudo no que diz respeito às possibilidades de êxito escolar. Assim manifestam-se no aluno, no plano inconsciente, processos de abertura ou de proteção.

Penso que as experiências vivenciadas no processo pedagógico permanecem por toda a trajetória acadêmica e refletem-se na prática profissional. Algumas experiências negativas nesse processo podem ser duradouras para a formação crítica, reflexiva, democrática e inovadora que os docentes tanto manifestam buscar. Para Postic^{3:10}, muitas vezes:

o aluno é levado a compartilhar as regras da comunicação, entremeada pela argüição oral e marcada por procedimentos de controle. Alguns alunos entram no jogo sem dificuldade e têm a impressão de serem ouvidos, de conseguirem respostas a seus apelos. Outros temem a manipulação. Ressentem os efeitos disso interiormente, de maneiras diversas:

aceitam o procedimento e as imposições, sentindo-se mais ou menos conquistados, ou resistem, com o risco de serem rejeitados e eliminados.

Ferreira et al^{1:6}, abordam este aspecto afirmando que *muitos dos problemas vividos na escola advêm de formações e conceitos interiorizados, crenças cristalizadas na rotina do cotidiano, que acabam por ‘naturalizar’ práticas.*

O professor deve ter consciência que só sua competência técnica não é suficiente para a produção do saber; sua afetividade, valores, percepções são indispensáveis para formação do aluno como ser humano e profissional. E que manifestar sua forma de pensar para os alunos é importante. Entretanto, agir de forma coerente com o que pensa ou fala é imprescindível para fortalecer o vínculo professor-aluno nas relações diárias.

É necessário ir além do discurso e das propostas educativas que se fundamentam apenas pela razão, buscando uma prática que oportunize espaços para a dimensão simbólica e imaginária, tão ausentes em nossa realidade. O professor deve perceber o aluno como um ser que possui valores, sentimentos, desejos, emoções imaginação. Assim, Postic^{3:48} afirma que:

[...] o imaginário do aluno retrata todas as imagens associadas a desejos, a pulsões internas, e se organizar graças aos processos fundamentais que regulam o jogo relacional. As produções desse imaginário variam segundo o contexto no qual eclodem e, na situação pedagógica da escola, segundo a pessoa do professor e a matéria que ele ensina.

O referido autor afirma ainda que o professor é visto pelo aluno como um modelo, ele *é figura de referência do outro para o aluno, do outro de quem é preciso desligar-se para construir a si próprio.* (p.45).

Dessa forma, é fundamental que o professor, ao exercitar a autocrítica, comprometa-se com um ensino de qualidade, a formação de cidadãos e a transformação da sociedade, o ensino superior, em especial, com o ensino de enfermagem, humanizando-se e repensando suas ações.

Furlani^{4:69-70} refere que *será necessário preparar o professor para o exercício de seus novos papéis [...] Essa preparação torna-se urgente se tivermos em mente que as práticas de ensino hoje empregadas estarão logo superadas.*

Entendendo que algumas práticas pedagógicas já estejam superadas, acredito que as mudanças na forma de ensinar possam vir a transformar esta realidade que não mais desejamos. É presente a necessidade de um maior espaço para que os alunos e professores de enfermagem reflitam, analisem e discutam assuntos que envolvam o processo ensino-aprendizagem, a fim de que se faça um diagnóstico da realidade em que estão inseridos e, assim, propor um projeto político pedagógico que venha ao encontro de suas necessidades.

Segundo Ferreira^{1,6}, é preciso que os sujeitos envolvidos no processo educativo *façam novas leituras das relações ensino-aprendizagem, dos sistemas de vínculos e desvínculos dos micro e macro processos que produzem e/ou são produzidos pelos discursos e práticas pedagógicas.*

Entendo que a consciência sobre a realidade vivida pelos sujeitos envolvidos seja a *mola propulsora* desse processo de mudança tão desejado por todos. E ter consciência da realidade é estabelecer relações com o já vivido, com o que estamos vivendo e o que ainda desejamos viver.

“RE-IMAGINANDO” O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

É necessário que professores e alunos participem da criação e recriação da práxis de enfermagem, como integrantes de uma sociedade instituída e interagindo frente a necessidade de mudança e implementação do novo, socializando-se, incorporando valores, condutas que fazem parte do momento histórico-social no qual estão inseridos. O indivíduo tem a possibilidade de modificar o imaginário instituído através da motivação e de sua capacidade de criar, demandando assim uma revolução das práticas pedagógicas, ao adotar novos valores como *a verdade* e ao abrir os horizontes até então limitados somente pela razão, re-imaginando e colocando em prática um novo modelo de ensino-aprendizagem que não leve em conta somente o cientificismo, o concreto, o numérico; o reducionismo. Que possamos desfrutar de outros valores já destituídos pela sociedade capitalista, resgatando práticas pedagógicas que valorizem o professor e o aluno não só como partícipes do processo de aprendizagem, mas como seres humanos em constante busca de auto-realização.

Referências

1. Ferreira NT, Elzirik MF. Educação e Imaginário Social. Em Aberto 1994 Jan/Mar; 14(61):5-13.
2. Spindola T, Moreira A. O aluno e a Enfermagem: por que esta opção profissional? Esc Anna Nery Rev. Enferm 1999 dez; 3(3):33-4.
3. Postic M. O Imaginário na Relação Pedagógica. Rio de Janeiro: Zahar; 1993.
4. Furlani LMT. Autoridade do Professor: meta, mito ou nada disso? São Paulo: Cortez; 1988.

Sobre a Autora

Sadja Cristina Tassinari de Souza Mostardeiro

Mestre em Educação e Professora Assistente do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria.
sadjat@small.ufsm.br

Recebido em 07/04/2003
Reapresentado em 05/04/2004
Aprovado em 15/04/2004